

ANÁLISE DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA EM NOVOS ARRANJOS ECONÔMICOS ALTERNATIVOS BRASILEIROS

Cláudia Nonato

Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho, Universidade de São Paulo, Brasil

claudia.nonato@uol.com.br

Camila Acosta Camargo

Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho, Universidade de São Paulo, Brasil

camila.acosta.camargo@usp.br

Daniela Ferreira de Oliveira

Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho, Universidade de São Paulo, Brasil

oliveira.df@usp.br

Fernando Felício Pachi Filho

Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho, Universidade de São Paulo, Brasil

Faculdade de Tecnologia Termomecanica, Brasil

ffpachi@yahoo.com.br

Recibido: 15 de febrero de 2021

Aceptado: 03 de Mayo de 2021

Identificador permanente (ARK): <http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s18535925/hqsbx7twi>

Resumo: Este artigo apresenta resultados da segunda etapa da pesquisa *As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*, realizada entre 2016 e 2019 na Universidade de São Paulo. O surgimento desses arranjos deriva da crise das empresas jornalísticas e da reestruturação dos processos produtivos. Na primeira etapa da pesquisa, investigaram-se a sustentação e organização do trabalho por meio de levantamento e análise do perfil de 70 iniciativas em São Paulo com base em autodeclarações publicadas nas respectivas páginas e redes sociais, entrevistas e grupos de discussão organizados com amostra de 29 arranjos. Na segunda etapa, o objetivo foi analisar o jornalismo produzido

por este mismo grupo. Os materiais analisados foram publicados nos dois turnos das eleições presidenciais de 2018 e coletados por meio dos softwares *Netlytic* e *NVivo*. Os resultados indicam a relação entre as condições de produção do discurso e as publicações nas redes digitais. Para compreender esta relação, desenvolveu-se metodologia que indica a estrutura da composição da produção jornalística. São consideradas as instâncias de seleção, composição e circulação, que demonstram como são feitas escolhas e como ocorrem mutações e hibridizações de gêneros e formatos.

Palavras-chave: Jornalismo; Arranjos econômicos alternativos brasileiros; Comunicação e Trabalho; Produção jornalística; Regimes de publicação; Critérios de noticiabilidade.

ANÁLISIS DE PRODUCCIÓN PERIODÍSTICA EN NUEVOS ARREGLOS ECONÓMICOS ALTERNATIVOS BRASILEÑOS

Resumen: Este artículo presenta los resultados de la segunda etapa de la investigación Relaciones de comunicación y condiciones de producción en el trabajo de los periodistas en arreglos económicos alternativos a las corporaciones mediáticas, realizada entre 2016 y 2019 en la Universidad de São Paulo. El surgimiento de estos arreglos se deriva de la crisis de las empresas de periódicos y la reestructuración de los procesos productivos. En la primera etapa de la investigación, se investigó el soporte y organización del trabajo levantando y analizando el perfil de 70 iniciativas en la ciudad São Paulo a partir de autodeclaraciones publicadas en sus páginas y redes sociales, entrevistas y grupos de discusión organizados. con muestra de 29 arreglos. En la segunda etapa, el objetivo fue analizar el periodismo producido por este mismo grupo. Los materiales analizados fueron publicados en las dos rondas de las elecciones presidenciales de 2018 y recopilados mediante el software *Netlytic* y *NVivo*. Los resultados indican la relación entre las condiciones de producción del discurso y las publicaciones en redes digitales. Para comprender esta relación, se desarrolló una metodología que indica la estructura de la composición de la producción periodística. Se consideran las instancias de selección, composición y circulación, que demuestran cómo se realizan las elecciones y cómo se producen las mutaciones e hibridaciones de géneros y formatos.

Palabras clave: Periodismo; Arreglos económicos alternativos brasileños; Comunicación y Trabajo; Producción periodística; Regímenes de publicación; Criterios de notificación.

ANALYSIS OF JOURNALISTIC PRODUCTION IN NEW ALTERNATIVE BRAZILIAN ECONOMIC ARRANGEMENTS

Abstract: This article presents results of the second stage of the research Communication relations and production conditions in the work of journalists in alternative economic

arrangements to media corporations, carried out between 2016 and 2019 at the University of São Paulo. The emergence of these arrangements derives from the crisis of the newspaper companies and the restructuring of the productive processes. In the first stage of the research, the support and organization of the work was investigated by surveying and analyzing the profile of 70 initiatives in São Paulo city based on self-declarations published on its pages and social networks, interviews and discussion groups organized with sample of 29 arrangements. In the second stage, the objective was to analyze the journalism produced by this same group. The analyzed materials were published in the two rounds of the 2018 presidential elections and collected using the software *Netlytic* and *NVivo*. The results indicate the relationship between the conditions of discourse production and publications on digital networks. To understand this relationship, a methodology was developed that indicates the structure of the composition of journalistic production. Selection, composition and circulation instances are considered, which demonstrate how choices are made and how mutations and hybridizations of genres and formats occur.

Keywords: Journalism; Alternative Brazilian economic arrangements; Communication and Work; Journalistic production; Publication regimes; News criteria.

|3|

Introdução

Para apresentarmos os resultados da segunda etapa da pesquisa *As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*¹, faz-se necessário retomar a primeira fase da pesquisa a partir da delimitação do conceito de “arranjos econômicos alternativos” (Figaro & Nonato, 2017; Nonato, Pachi & Figaro, 2018; Figaro et al., 2018) existentes no Brasil. O ponto de partida, em 2017, foi o mapeamento de 70 arranjos jornalísticos nascidos em redes sociais/internet e localizados geograficamente no estado de São Paulo, centro industrial e de serviços do país, que concentra mais de 44 milhões de habitantes. Essa fase da pesquisa investigou a organização desses arranjos por meio de perfil autodeclarado nas respectivas páginas e redes sociais; também contou com entrevistas e grupos de discussão com seus profissionais para saber como trabalham, como se sustentam e as suas perspectivas de futuro. Os resultados apontaram, entre outras questões, a predominância de jornalistas jovens e experientes que se organizam para produzir jornalismo em arranjos alternativos e independentes dos conglomerados de mídia. A pesquisa mostrou também que os arranjos de trabalho jornalístico têm enfrentado muitas dificuldades em relação às formas de sustento de suas atividades, mas

¹ Todas as etapas da pesquisa foram feitas coletivamente por pesquisadores (pós-doutores, doutores, doutorandos, mestrados e bolsistas de iniciação científica) que compõem o Centro de Pesquisa em Comunicação em Trabalho (CPCT), da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP)

que têm desafiado os veículos tradicionais, em termos do engajamento em seu trabalho, e na abertura de interlocução com públicos interessados em jornalismo crítico e comprometido com mudanças sociais². Tais descobertas abriram caminho para uma segunda fase de investigações.

A segunda etapa da pesquisa teve início em 2018, e foi feita com uma amostra de 29 arranjos selecionados entre os 70 mapeados inicialmente. O objetivo central da pesquisa era entender qual tipo de jornalismo esses arranjos estavam produzindo, estabelecendo uma metodologia e um período de coleta do material jornalístico produzido por esses arranjos. Na primeira fase da pesquisa, pudemos observar que a variedade das iniciativas exigia uma conceituação que abarcasse as experiências em curso no mundo do trabalho dos jornalistas. O conceito matriz que adotamos foi o de arranjo jornalístico, que são tentativas de organização de pessoas e de recursos para o trabalho a partir de uma expertise e de um projeto que requer investimento, constituindo-se como alternativa para o exercício da atividade jornalística num contexto de crise econômica e precarização do trabalho, que se depreende dos depoimentos dos entrevistados.

Os resultados da análise desta fase da pesquisa apresentaram uma diversidade de abordagens editoriais, múltiplas formas de organização do material produzido, distintos ritmos de produção e concepções editoriais também diferenciadas: umas se aproximam mais do conjunto de valores do jornalismo convencional, e outras desafiam certos parâmetros consolidados, estabelecendo diálogos mais amplos e comprometidos com seus públicos. As formas de fazer e de organizar os respectivos veículos de comunicação também exigem uma reflexão ancorada nas condições de produção, ou seja, como esses profissionais acessam recursos e infraestrutura para produzir, compor e circular o material produzido. A pesquisa também demonstrou que as tecnologias digitais são instrumentos necessários para a organização do trabalho, novas prescrições e invenção de formatos. Permitem ainda o aumento da produtividade, multifuncionalidade e como consequência a intensificação do trabalho que ocorre em redes em relações de comunicação mais horizontalizadas.

Esse artigo trará uma discussão sobre as lógicas produtivas dos novos arranjos e do jornalismo on-line, que vão do “trabalho arranjado” às tecnologias plataformizadas. Entendemos a importância de contextualizar alguns elementos do campo da pesquisa em jornalismo, bem como enunciar nossa perspectiva sobre a apropriação da tecnologia no contexto do capitalismo contemporâneo. Trata-se de uma breve síntese que, na análise do material em questão, será aprofundada na conformidade do necessário para a interpretação dos dados que a pesquisa traz.

As lógicas produtivas do jornalismo a partir do binômio comunicação e trabalho

² Os resultados detalhados da primeira fase da pesquisa estão em Relatório da Pesquisa online no endereço www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho

Segundo Roseli Figaro (2011), com base na tradição materialista, comunicação e trabalho são partes inseparáveis da atividade humana. Assim, ao articular tal binômio, a autora chama atenção às "mudanças no mundo do trabalho a partir das relações de comunicação, tendo em vista as dramáticas do uso de si por si mesmo e pelo outro" (Figaro, 2011; Schwartz & Durrive, 2003). Dessa forma, a articulação teórico-metodológica do binômio Comunicação e Trabalho propicia reflexões éticas e filosóficas acerca das transformações que forjam, indelevelmente, o trabalho e os sentidos atribuídos a ele pelos sujeitos na atualidade. Ou seja, tal articulação permite ver

Como profissionais enfrentam os desafios cotidianos e a partir de quais valores e cenários fazem suas escolhas para se colocarem em atividade de trabalho. Visto que nas escolhas (por exemplo, compartilhar ou não com um colega informações) estão implicados os valores que permeiam o mundo do trabalho e o transcendem para outras esferas da vida social (Figaro, 2011, p. 76-77).

Nesse sentido, ao valer-se do termo "arranjo", Figaro et al. (2018) refere-se à atividade de *arranjar-se* para dar conta dos atuais desafios e dilemas do mundo do trabalho. Tal denominação ancora-se no que é chamado na literatura econômica de arranjos produtivos locais (APL). Tem origem nos estudos tradicionais italianos, que definem os arranjos econômicos como "aglomerações produtivas cujas articulações entre agentes locais não são suficientemente desenvolvidas para caracterizá-las como um sistema" (Figaro, 2018, p. 17). Dessa forma, arranjar-se é "pôr em ordem a partir de determinados fatores, buscando potencializar energia própria, a disposição e a vontade" (Figaro, 2018, p. 17).

Inerente 'a toda' a atividade de trabalho, própria da vida, é potencializada pelo conflito entre as diferenças socioeconômicas, pela apropriação mercantil do trabalho, pela exploração, pela desvalorização do trabalho. A contradição e o conflito são geridos e negociados a todo o momento, isso é a atividade humana, é o corpo-si, expressando-se na dimensão dialética do micro e macro-social. Atividade humana é feita, portanto, ao movimento da história (Figaro, 2008, p. 132).

O trabalho dos jornalistas circunscrito na Indústria Cultural segue a lógica da ordem econômica dominante e nada escapa a essa lógica. Qualquer esforço de originalidade que se afaste de tal lógica sistêmica é rapidamente "corroído, substituído, anulado" (Figaro, 2008, p. 132). Importa, dessa forma, observarmos que "a crise do modelo de empresa jornalística, a destruição de postos de trabalho e a reestruturação dos processos produtivos colocam em xeque (desarranjam) o futuro do exercício da profissão de jornalista e o jornalismo como o conhecemos" (Figaro, 2018, p. 17). Por conseguinte,

Os arranjos de trabalho de jornalistas são a face reveladora desses dilemas, mas também a face da atividade humana que é sempre criativa e vai buscando soluções para seus problemas concretos, resistindo às incongruências e às lógicas do próprio sistema econômico e político. Como forma de sobrevivência na profissão, como alternativa para a realização profissional e cidadã que os grandes conglomerados de mídia não podem oferecer,

profissionais do jornalismo organizam-se, formam coletivos, associações, pequenas empresas e outras formas criativas de organização para poderem trabalhar (Figaro, 2018, p. 18).

Nesse contexto, a digitalização dos meios de comunicação e produção aceleram as mudanças em curso. Entre outras consequências, Cláudia Nonato Lima (2015) observa que tal digitalização faz com que jornalistas migrem para *blogs* em busca de autonomia, mas encontrem obstáculos que os impedem de exercer a plena liberdade de expressão no novo meio, como o cerceamento financeiro e o judicial. Dessa forma, muitos partem em busca de novos arranjos econômicos que possibilitem o pleno exercício da profissão nos *blogs* como nova opção profissional (Lima, 2015).

Por sua vez, Ana Flávia Marques da Silva (2018), ao articular o binômio Comunicação e Trabalho, identifica que o trabalho online de jornalistas em arranjos econômicos de comunicação alternativos às grandes corporações de mídia desvela-se na *redação virtual*. No espaço das redações virtuais há a utilização permanente de plataformas de comunicação e trabalho, entre eles *Telegram*, *Whatsapp*, *Gtalk* e *Trello*. Segundo a autora, é "nas redações virtuais de trabalho do jornalista são moduladas e padronizadas" (Silva, 2018, p. 7) nos arranjos alternativos, sendo também o local possível para se observar como os jornalistas constroem valor de uso e de troca; como se dão as novas formas culturais das relações de produção; os valores mobilizados para o trabalho; o que levam do trabalho para a sociedade. Por fim, Silva (2018) aponta que o trabalho dos jornalistas nas redações virtuais de arranjos alternativos, ao mesmo tempo que evidencia a precarização das relações, desvela a busca por outros caminhos possíveis para se produzir um jornalismo independente, diverso e plural.

A comunicação, neste contexto, cumpre um papel central em toda a cadeia do trabalho das plataformas, desde a infraestrutura até a circulação dos conteúdos e dos sentidos. As plataformas são, portanto, meios de produção e de comunicação (Williams, 2005) que viabilizam as bases técnicas para a realização da atividade de trabalho, mas o fazem a partir de regras e *affordances* que delimitam a usabilidade às funcionalidades da ferramenta e, conseqüentemente, guiam o trabalho para ser operacionalizado no máximo potencial para servir sua lógica de funcionamento.

A partir desses pressupostos a segunda etapa da pesquisa conta com aportes teóricos acerca dos estudos sobre comunicação e trabalho, bem como sobre arranjos alternativos e jornalismo online e virtual. Por conseguinte, a metodologia da pesquisa, de caráter exploratório, oportunizou aos pesquisadores propor um discurso interpretativo particular e novo para se abordar as relações de comunicação e as condições de produção no trabalho dos jornalistas em arranjos alternativos às corporações de mídia.

Procedimentos metodológicos para a análise da produção jornalística

Para compreendermos os procedimentos teórico-metodológicos adotados na segunda fase desta pesquisa, é necessário retomarmos aspectos elaborados na etapa anterior. Primeiramente, admitimos que o momento atual da produção jornalística deriva em linhas

gerais da crise do modelo de empresa jornalística e das múltiplas possibilidades tecnológicas e de linguagem disponíveis, que ampliam as chances de difusão e instauram outras formas de organização do trabalho. Neste cenário, a identificação dos novos arranjos, ainda não suficientemente caracterizados e marcados pela instabilidade econômica, tornou-se o primeiro desafio da pesquisa. Estudos como este são categorizados como exploratórios (Gil, 2008), isto é, visam obter elementos para a composição de um quadro que permite a construção de problemas mais bem delineados. Para identificar os informantes da pesquisa, nos valem da técnica da bola de neve, para pesquisas qualitativas e não probabilísticas (Handcock & Gile, 2011).

Na primeira fase da pesquisa, identificamos 170 iniciativas em todo o país a maior parte delas constantes do Mapa da Mídia Independente realizado pela Agência Pública em 2015, cuja representante foi escolhida como informante semente (Baldin & Munhoz, 2011). O mapa incluía ainda contribuições de leitores e outras iniciativas foram identificadas por pesquisadores do CPCT. Este processo, aliado à observação nos sites dessas iniciativas, nos permitiu conceituá-las como arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia. Em linha gerais, estes arranjos se propunham a elaborar um produto jornalístico diferente do realizado pelas empresas de comunicação e por meio de uma outra organização de seu trabalho (Figaro, 2018). Ademais, suas estruturas organizativas são instáveis e as formas de sustentação são variadas e distintas da mídia tradicional.

A este levantamento inicial e à formulação conceitual que nos permitiu avançar na observação dessas iniciativas, estabelecemos critérios para a continuidade da pesquisa. Procuramos limitar nosso campo de observação à cidade de São Paulo, onde foram identificados 70 arranjos, cujos perfis foram constituídos por meio da observação de informações disponíveis em seus sites como linha editorial, histórico, financiamento e engajamento para o trabalho, entre outros (Figaro, 2018).

Os arranjos que compõem a amostra foram agrupados na primeira fase da pesquisa em seis núcleos a partir das categorias alternativo, independente, coletivo, empreendedor e inovador que se associavam a marcadores de atividades jornalísticas. O núcleo 1 reúne iniciativas com três marcadores jornalísticos claros e autodeclaração de independente e/ou alternativo (25 arranjos). O núcleo 2 agrupa arranjos com pelo menos um marcador jornalístico e autodeclaração de independente e/ou alternativo (15 arranjos). O núcleo 3 tem como característica a explicitação de pelo menos um critério jornalístico sem outra identificação (17 arranjos). No núcleo 4, estão agrupados os arranjos com pelo menos um critério jornalístico e a declaração de empreendedores/inovadores (6 arranjos). No núcleo 5, foram alocadas iniciativas que não apresentavam explicitamente marcadores jornalísticos nem autodeclaração sobre sua organização (5 arranjos). O núcleo 6, por sua vez, também reúne arranjos sem marcadores jornalísticos explícitos, porém, declarados como independentes ou coletivos (2 arranjos).

Na sequência, foram selecionados 29 arranjos previamente categorizados de acordo com seu perfil autodeclarado nos respectivos sites, respeitando-se o limite de 40% das iniciativas de cada núcleo por conveniência de tempo e recursos financeiros. Representantes dessas iniciativas participaram de entrevistas presenciais

semiestruturadas e grupos de discussão com os pesquisadores do CPCT para debater o trabalho e as formas de sustentação desses arranjos, conforme a tabela abaixo:

Tabela 1. Arranjos entrevistados

| Núcleos | Arranjos |
|------------------------|--|
| Núcleo 1 (11 arranjos) | Mídia Ninja, Democratize, Viomundo, Nexo, Agência Pública Periferia em Movimento, Vozes da Vila Prudente, Volt Data Lab, AzMina Pressenza, Opera Mundi |
| Núcleo 2 (6 arranjos) | Ciranda, Outras Palavras, Centro de Mídia Independente, Sounds like us, Puntero Izquierdo, Nós, Mulheres da Periferia |
| Núcleo 3 (7 arranjos) | Justificando, Migramundo, Mobilize Brasil, Farofafá, Envolverde, Lado M, Mães de Peito |
| Núcleo 4 (2 arranjos) | É Nós, B9 |
| Núcleo 5 (1 arranjo) | O Novelo |
| Núcleo 6 (2 arranjos) | Blogueiras Negras, Brasis |

Fonte: Elaboração dos autores, 2021

Para a segunda fase da pesquisa, mantivemos estes 29 arranjos para observação e análise com objetivo de aprofundar a interpretação relacionando as observações sobre atividade jornalística e o material produzido. Assim, se na primeira fase da pesquisa nos interessamos pela organização, as formas de trabalho, os modos de financiamento, na sequência nos voltamos para os produtos jornalísticos destes arranjos, que se declaram como independentes e/ou alternativos aos grandes conglomerados de mídia. Ao final da primeira fase, nos perguntávamos se as prescrições e relações de comunicação para o trabalho jornalísticos nestes arranjos resultavam na produção de um jornalismo de fato comprometido com os direitos de cidadania. As observações nos faziam ainda questionar se de fato eles produziam jornalismo e quais seriam as características do produto.

A próxima fase foi coletar o material jornalístico para análise. Antes disso, contudo, foi necessário definir critérios de coleta que pudessem ser válidos para todos os arranjos e que nos permitissem analisar as características de cada produto, bem como o fluxo de produção num mesmo período. Verificamos que a produção desses arranjos era publicada em seus respectivos sites e se espraiava pelas plataformas *Facebook* e *Twitter*. O intenso fluxo de informações e de interações nestas plataformas nos levou a utilizar os softwares

NVivo e *Netlytic*, para coleta, organização e análise dos dados de sites e redes sociais. Dado o agendamento do tema da eleição para a presidência do Brasil no ano de 2018, optamos por estabelecer como recorte a cobertura jornalística desses arranjos nos períodos que correspondiam ao primeiro (1 a 8 de outubro) e segundo turno (22 a 29 de outubro) das eleições.

Após programação para a captura dos dados, o software *Netlytic* permite a coleta de postagens no *Twitter* e *Facebook* a partir das contas dos arranjos selecionados para a pesquisa. Por meio do uso do operador “from: nome do usuário”, foi possível coletar tuítes originais assim como retuítes ou respostas. No *Facebook*, a coleta é feita a partir de publicações em grupos, páginas ou eventos. A filtragem dos dados priorizou os posts produzidos pelos próprios arranjos em detrimento de comentários sobre as postagens, de modo a reduzir o volume de dados para análise. Em seguida, a massa de dados foi organizada em tabelas com objetivo de compreendermos o fluxo de publicação dos arranjos estudados.

O software *NVivo*, por sua vez, possibilita gestão de dados e de ideias, pesquisa de dados, modelação visual e relato. A escolha por este software deveu-se ao fato de ele permitir identificar os termos mais utilizados pelos arranjos e sua respectiva visualização por meio de nuvens de palavras, configurando-se como instrumento de apoio para análise discursiva. Ademais, a codificação e posterior categorização do material permite análise do conteúdo jornalístico, que nesta fase da pesquisa é integrada ao estudo das fontes de informação e das condições de produção desse conteúdo. Os dados coletados no período escolhido para a pesquisa foram sistematizados por meio dos endereços das páginas (links), acompanhados de categorias como data, título das matérias, autoria, republicação e gênero jornalístico.

O resultado dessa coleta constitui um arquivo que não pode ser considerado evidente. O arquivo (Guilhaumou, Maldidier & Robin, 2016) é organizado pelo campo social e é necessário conhecer os dispositivos e gestos de interpretação realizados na sua disposição. Ao ler o arquivo, devemos considerar que o sentido é produzido pelos instrumentos criados no campo da informática (Pêcheux, 2014) associados à interpretação realizada pelos pesquisadores no campo social que devem refletir sobre as relações com a memória tendo em vista as operações de classificação determinadas pela informática no processo de extração, organização, interpretação e gestão de dados como um todo. Não se pode desconsiderar o fato de que os discursos jornalísticos na atualidade são afetados em sua produção pela plataforma da web (Helmond, 2015) e da sociedade, ou seja, a presença de conteúdos jornalísticos nas plataformas implicou transformações estruturais não apenas no modo de distribuição e circulação das notícias, mas também na organização, na produção e consumo do trabalho jornalístico e das empresas de mídia. As plataformas determinam assim de forma direta o modo de organização dos formatos jornalísticos e o modelo de negócios das empresas de mídia (Bell et al., 2017).

Os arquivos de pesquisa são assim determinados tecnologicamente e obedecem a enquadramentos sociais, econômicos e políticos, aspectos confrontados para análise. Como consequência, o arquivo que se constituiu em nossa coleta por matérias postadas

nos sites dos arranjos, no *Facebook* e no *Twitter* deve ser compreendido considerando a maneira como as informações foram capturadas e organizadas e pelas escolhas teórico-metodológicas da pesquisa que intervêm na análise dos pesquisadores.

A produção jornalística dos arranjos no contexto do capitalismo de plataforma: regimes de publicação e critérios de noticiabilidade

Na segunda fase da pesquisa, procuramos compreender as condições de produção jornalísticas a partir das variáveis presentes no mundo do trabalho e sua tensa articulação com as tecnologias digitais, que na perspectiva do capital ampliam a produtividade do trabalho intensificando-o e reduzindo seu valor. Para tanto, nos propusemos a estabelecer categorias de análise que não se conformassem diretamente às teorias vigentes de análise da produção de jornalística, que tendem a desconsiderar os movimentos da atividade dos trabalhadores num contexto de precariedade e desemprego estrutural e estabelecer fronteiras rígidas para a definição da prática jornalística. A análise da produção de cada um dos arranjos, demonstra como as condições de produção, que incluem infraestrutura, recursos financeiros e disponibilidade de tempo, são determinantes para a tomada de decisão do que será reportado e de como o processo produtivo se organizará, como pudemos identificar na primeira fase da pesquisa. Nesta etapa, enfrentamos o desafio de compreender como estas condições se manifestam no produto jornalístico. Observamos que os jornalistas que trabalham nestes arranjos buscam recriar sua atividade, valendo-se dos recursos tecnológicos para compor suas narrativas e ampliar a circulação de seu trabalho, ao mesmo tempo inserindo-o em redes textuais e discursivas que ecoam as posições assumidas.

|10|

Não pudemos operar, por exemplo, diretamente com categorias como valores-notícia tal como eles são postuladas nas teorias tradicionais desde sua concepção por Galtung e Ruge (1965). Ainda que este conceito que dá suporte aos critérios de noticiabilidade tenha sido reelaborado posteriormente e adaptados a situações mais complexas (Harcup & O'Neill, 2017), verificamos que seria necessário considerar as dinâmicas particulares que se instauram na produção desses arranjos, aspectos que não podem ser contemplados nesta conceituação que privilegia em sua multiplicidade características das linhas editoriais. A operacionalização deste arcabouço conceitual não nos permitiria compreender os elementos compositivos do discurso do jornalismo produzido pelos arranjos.

Ao abordar os critérios de noticiabilidade, Wolf (2012) afirma que eles se referem à seleção da notícia, permitindo definir o que será noticiado, e à construção da notícia, que tratam do modo como o evento será noticiado. A estas duas instâncias, Wolf propõe uma terceira, referente à dimensão ético-epistemológica. A partir de Wolf, propomos compreender as instâncias como categorias derivadas da lógica produtiva do veículo jornalístico. Outros autores também nos fazem pensar em instâncias de produção e recepção, a exemplo de Charaudeau (2006). A instância de produção reúne os elementos que organizam o sistema de produção e permitem também a organização da enunciação discursiva da informação. A instância de recepção abrange os pontos de vista interno da instância midiática na relação com o destinatário. A nosso ver, porém, as condições de

produção e os processos de recepção devem ser enquadrados na relação com o social, o econômico e o histórico-cultural. Genro Filho (2012) alerta para o fato de que o reconhecimento dos acontecimentos se deve ao sujeito e se submete às condições histórico-sociais que conformam a subjetividade que se objetiva no discurso. Por isso, optamos por utilizar a categoria instância para identificar elementos de escolha do profissional para elaborar seu discurso nos dispositivos comunicacionais (Maingueneau, 2001), que remetem à materialidade concreta do mídiun, do discurso, do público e das formas de circulação previstas pelas plataformas digitais.

Assim, para a análise da produção jornalística desenvolvemos uma metodologia que opera a estrutura de composição da produção jornalística dos novos arranjos. As instâncias de seleção – tema e fonte –, de composição e circulação, nos permitem compreender como são feitas as escolhas pelos profissionais, nas condições concretas de trabalho e como ocorrem mutações, hibridizações de gêneros e formatos (Giacomini Botta, 2015). A instância de seleção corresponde à seleção do tema (assunto, pauta) e da fonte para as matérias. A instância de composição refere-se ao tratamento dado ao material na articulação de fontes, texto, fotos, links, se há linguagem híbridas, vídeos, podcasts, infográficos, charges, memes ou *tags*. A instância de circulação demonstra as estratégias adotadas pelo arranjo para fazer circular seu conteúdo, que podem ser *hiperlinks* com redes sociais, compartilhamento, *hashtags*, comentários, links e todas as formas de conexão com parceiros por meio de republicação, retuítes.

[11]

Dessa forma, quando identificamos os elementos que compõem cada uma das instâncias, estamos operacionalizando uma maneira de analisar o processo produtivo da matéria publicada. Essa estratégia se mostrou mais objetiva do que a adoção de critérios de noticiabilidade, pois conforme já discutimos, tais critérios são adaptáveis e difusos, não permitindo cumprir o propósito da nossa pesquisa.

A operação desses conceitos teórico-metodológicos nos permitiu analisar os dados previamente organizados em planilhas. Na sequência, estabelecemos um recorte no corpus para facilitar a análise. Consideramos para análise as matérias que correspondiam ao dia de maior publicação de cada arranjo. Assim as planilhas foram reorganizadas com as seguintes categorias: data de publicação, link da matéria, título, autoria, republicação (sim ou não), gênero, instância de seleção (tema), instância de seleção (fonte), instância de composição, instância de circulação e observações. As publicações nas redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, também foram analisadas conforme a data de maior publicação. Alguns arranjos privilegiam estas plataformas para produção e circulação de suas publicações, o que demonstra diferentes formas de relação com os dispositivos comunicacionais que afetam a produção discursiva de cada arranjo. Como exemplo da produtividade do conceito, apresentamos duas análises realizadas. O primeiro exemplo refere-se ao arranjo Nós, Mulheres da Periferia, pertencente ao Núcleo 2, caracterizado pela autodeclaração de pelo menos um critério jornalístico e pela denominação de alternativo ou independente. O segundo exemplo – Mídia Ninja – pertence ao núcleo 1, que tem como características o fato de ter três categorias do fazer jornalístico e autodenominação de alternativo ou independente. Os exemplos foram escolhidos por demonstrarem o funcionamento das instâncias de seleção, circulação e composição em

arranjos de tamanhos e características diferentes. O Nós, Mulheres da Periferia é um arranjo de pequeno porte, em atividade graças ao esforço de suas idealizadoras. Sua produção tem caráter especializado e é voltada para questões femininas. O Mídia Ninja pode ser considerado um dos arranjos de maior porte, abrangência e com organização do trabalho mais complexa. Seu foco é a cobertura de movimentos populares e tem o objetivo de apresentar pontos de vista diferentes sobre os acontecimentos. Tais instâncias podem ser observadas em todos os 29 arranjos analisados, o que demonstra o modo como estas iniciativas se organizam para se inserirem no fluxo das informações e na ordem do discurso nas redes digitais.

No quadro 1, temos a categorização proposta para o arranjo Nós, mulheres da periferia, para matéria publicada no dia 26/10/2018:

Quadro 1. Nós, mulheres da periferia

| Título das matérias | Autoria | Gênero | Instância de seleção | Instância de composição | Instância de Circulação |
|--|---------------------|------------------------------|--|---|--|
| O amor vai vencer o ódio': evangélicas ocupam as ruas contra Bolsonaro | Semayat s. Oliveira | Notícia/ Vídeo reportagem | Mulheres evangélicas, protagonistas e anônimas | Um hiperlink externo. Leia mais ao final com sugestões de outras matérias do arranjo relacionadas ao tema e um vídeo que complementa a matéria trazendo mais depoimentos de manifestantes presentes no ato. | Sem comentários. Uso das tags: genocídio, paternidade, periferia e racismo. Uso da categoria temática Direitos como indexador interno do site. Botões para compartilhamento direto da matéria para Twitter, Pinterest, Tumbler, Google +, Facebook e há opção de curtir a matéria no próprio site via link do Facebook. A reportagem obteve 67 curtidas. |

Fonte: Banco de dados do CPCT/ site Nós, mulheres da periferia,2018.

Podemos observar no quadro 1, informações como título, autoria, gênero e as instâncias de seleção, composição e circulação. A partir desta categorização, torna-se mais evidente a complexidade do trabalho jornalístico desses arranjos, que não envolve apenas a elaboração de reportagem. Atividades como seleção, edição, uso de multiplicidade de códigos e a própria circulação têm de ser pensadas na atividade jornalística pelo profissional, que na maioria das vezes não conta com uma estrutura que permita a divisão do trabalho. Desse modo, ele se vale das condições tecnológicas disponíveis para ampliar o alcance de seu trabalho e mantê-lo de acordo com as possibilidades de trabalho de seus integrantes. Assim, no dia 26 de outubro de 2018, o arranjo dedicou-se a fazer a cobertura de um acontecimento no centro de São Paulo. A reportagem, de autoria de Semavat S. Oliveira, abordava uma manifestação de evangélicos contra o candidato Jair Bolsonaro. A escolha desta (instância de seleção) pauta relaciona-se diretamente com as populações da periferia de São Paulo, que têm representação expressiva de adeptos de religiões

evangélicas. A linha editorial manifesta-se como critério norteador da prática jornalística preconizada pelo arranjo. O fato singular contraria a percepção de que há uma adesão unívoca ao referido candidato. Mulheres negras, evangélicas, cidadãs comuns expõem suas razões para não apoiar o candidato que liderava as pesquisas, e manifestam-se em defesa da democracia. Se observarmos a instância de composição podemos observar que há nota de abertura, texto escrito com as informações do acontecimento. Além disso, as fontes fazem seu relato em vídeo disponível por link. Há também fotos e chamadas para outras matérias do arranjo. Todos estes elementos demonstram que a composição desta matéria requer habilidades que ultrapassam a escrita da matéria e a adaptação às condições tecnológicas que dão suporte à elaboração do material. Na instância de circulação, predominam as *tags* genocídio, paternidade, periferia e racismo. A indexação temática é na área de Direitos. Botões remetem para um conjunto de páginas da internet. A matéria obteve 67 curtidas e não foi possível identificar comentários. Observamos que toda a categorização já proposta pelas plataformas permite a inserção do material numa ordem textual e discursiva que escapa ao controle dos produtores da matéria, que, no entanto, garantem sua circulação

[13]

No período da coleta, o arranjo publicou em seu site quatro matérias, sendo três reportagens e uma notícia, procurando contextualizar o tema da eleição às demandas da periferia. No *Facebook*, foram publicadas 63 postagens, com fotos e vídeos que privilegiam as falas de mulheres negras e periféricas. Assim, o arranjo se vale de publicações em seu site e da circulação propiciada pela rede social. Observa-se pela instância da circulação que o gênero notícia se expande por meio de hiperlinks para outras composições em diálogo direto com a notícia ou que se relacionam a outros temas, ampliando assim a abordagem. Giacomini Botta (2015, p. 123) explica que “os gêneros são estruturados em determinados formatos”, que podem ser vinculados aos tipos de suporte, como impresso, televisivo, oral, on-line. Bakhtin (2011) destaca o fato de que os gêneros do discurso refletem de maneira imediata as mudanças na vida social. Tais mudanças relacionam-se com a reestruturação produtiva, o trabalho digital on-line e com o próprio jornalismo concebido como gênero discursivo. As instâncias acima mencionadas contribuem para a identificação e compreensão dessas mudanças nos gêneros discursivos, que não se dissociam das transformações no campo social. No contexto do jornalismo on-line ao mesmo tempo em que vigora a desestruturação do modelo empresarial, ocorre maior concentração do negócio jornalístico, além de controle da informação e dos instrumentos de produção. As tecnologias utilizadas pelos jornalistas, sobretudo aqueles que não têm vínculo profissional, dependem do acesso a plataformas digitais, geridas por grandes corporações que controlam as lógicas de produção e circulação.

Quadro 2. Mídia Ninja

| Título | Arranjo | Data | Gênero | Instância de seleção | Instância de composição | Instancia de circulação |
|--------|---------|------|--------|----------------------|-------------------------|-------------------------|
| | | | | | | |

| | | | | | | |
|--|-------------|-----------|---------|--|---|---|
| Mídia Internacional alerta sobre o risco de Bolsonaro para o Brasil e América Latina | Mídia Ninja | 8/10/2018 | Notícia | Eleição presidencial. Matéria a repercussão internacional sobre riscos da vitória de Bolsonaro | Links dos veículos de imprensa internacionais | Arte gráfica com os nomes de alguns dos veículos (33 ao todo). botões com opções de compartilhamento para sites de redes sociais, caixa de comentário do Facebook, arte com pedido de doação financeira |
|--|-------------|-----------|---------|--|---|---|

Fonte: Banco de dados do CPCT/ site Mídia Ninja,2018.

No caso do arranjo Mídia Ninja (Quadro 2) que a instância de seleção reproduz a escolha do arranjo em tomar posição contra a campanha eleitoral de Bolsonaro. Em forma de notícia, o arranjo repercute a preocupação da imprensa internacional manifesta em 33 veículos com a possibilidade de vitória deste candidato, que já iria disputar o segundo turno. A matéria remete por meio de links aos veículos citados, de modo que o leitor possa comprovar nas páginas originais o que está sendo relatado. Observa-se que a preocupação desde a instância de seleção é se apropriar dos discursos disponíveis acerca do candidato, que o classificam como ameaça. Desse modo, a instância de seleção já se articula com a instância de composição, ou seja, o trabalho consiste em vincular os diversos textos já publicados sobre os riscos da eleição de Bolsonaro. A instância dessa composição se torna possível devido a estrutura hipertextual que caracteriza a própria rede, da qual o arranjo se apropria para reafirmar seu discurso, ecoando outras vozes externas à sua produção e ao próprio contexto brasileiro. Na instância de circulação, há botões que remetem às redes sociais, possibilitando comentários e compartilhamentos. A notícia extrapola assim os limites do arranjo, integrando uma rede intertextual, que vai além da mera citação ou da paráfrase, levando o leitor para outros contextos enunciativos de outros veículos de comunicação. Observa-se assim que o trabalho jornalístico neste caso é pensar como se articulam estas instâncias em meio à enorme produção textual já disponível, integrando-a em redes discursivas, que ressoam as posições discursivas do próprio arranjo numa situação em que o investimento de produção consiste basicamente nesta inserção. Dessa forma, os jornalistas procuram fazer avançar seu discurso apropriando-se tanto do conteúdo disponível quanto das potencialidades tecnológicas num trabalho que se complexifica à medida da disponibilidade das próprias ferramentas, que exigem do trabalhador saberes que são da ordem do funcionamento das próprias tecnologias, de suas possibilidades e restrições.

[14]

Considerações finais

Como apontado anteriormente, o conceito de arranjo tem origem em suas estruturas instáveis, economicamente frágeis e que emergem na busca por uma alternativa jornalística, mas também financeira, ao modelo vigente. Eles manifestam-se como resultado de processos que se dão com a reestruturação produtiva do capital e com uma direta correlação com as transformações decorrentes nas mudanças das bases

sociotécnicas, sobretudo a digitalização e a plataformização (Poell, Nieborg & Van dijck, 2020).

De forma ambígua, a chegada da plataforma que condiciona um tipo específico de fazer jornalístico é o que viabiliza a própria existência dos arranjos alternativos. Esta realidade demanda mais agilidade, apaga as fronteiras entre o profissional e o particular e é consequência direta da precarização e flexibilização típicas da racionalidade neoliberal contemporânea (Peck, 2012; Dardot & Laval, 2016).

Compreendemos, assim, que a expressão das condições de produção deste trabalho se materializa nos conteúdos produzidos – em sua forma e em seus sentidos, o que justificou o uso do método de análise das instâncias para uma melhor investigação deste novo fazer jornalístico. Desde os primeiros levantamentos de dados do estudo a instabilidade do fluxo de publicações foi notada. Posteriormente foi identificado que a ampla maioria dos arranjos mapeados conta com equipe reduzida e, destes muitos atuam voluntariamente.

Em outras palavras, estes achados corroboram para a compreensão da correspondência entre a comunicação e o trabalho. O fluxo das publicações nos 29 arranjos analisados expressou rotinas de trabalho que passam a ser cada vez menos rotineiras, mas que não por isso são menos frequentes ou exaustivas. Também manifestou a dependência da atividade de trabalho e deste novo jornalismo às plataformas, já que neste cenário se instaura uma racionalidade particular, que conduz toda a circulação de informação e que determina a forma com que se realiza tanto a atividade laboral quanto o uso recreativo das redes. A inconstância deste novo fazer jornalístico resulta tanto da possibilidade que apenas a internet fornece de difusão infinda de notícias e conteúdos, quanto da oscilação das condições de sua produção.

[15]

Referências

- Baldin, N. & Munhoz, E. M. B. (novembro de 2011). *Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária*. X Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil. https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf
- Bakhtin, M. (2011). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bell, E., Owen, T., Brown P., Hauka C. & Rashidian, N. (2017). A imprensa nas plataformas. Como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. *Revista de Jornalismo ESPM*, 1(1), 49-83. <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8D79PWH>.
- Camargo, C., Nonato, C., Pachi Filho, F. & Lelo, T. (2020). *O financiamento de arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia por plataformas digitais*. 18o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, Brasil. <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2020/paper/view/2563/1388>

- Casilli, A. & Posada, J. (2019). The Platformization of Labor and Society. Em M. Graham & W. Dutton (Eds.). *Society and the Internet: How Networks of Information and Communication are Changing Our Lives*. Oxford: Oxford University Press.
- Charaudeau, P. (2006). *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.
- Dardot, P.; Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo.
- Figaro, R. (2008). Atividade de comunicação e de trabalho. *Trabalho, Educação e Saúde*, 6(1), 107-146. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462008000100007>
- Figaro, R. (2011). A abordagem ergológica e o mundo do trabalho dos comunicadores. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9(1), 285-297. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000400014>
- Figaro, R., Nonato, C. & Grohmann, R. (2013). *As Mudanças no Mundo do Trabalho dos Jornalistas*. São Paulo: Atlas.
- Figaro, R. & Nonato, C. (2017). Novos arranjos econômicos alternativos para a produção jornalística. *Contemporânea. Comunicação e Cultura*, 15(1), 47-63. <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/21451>
- Fíguro, R. et al. (2018). *As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídias*. São Paulo: ECA-USP.
- Galtung, J. & Ruge, M. H. (1965). The Structure of Foreign News Author(s). *Journal of Peace Research*, 2(1), 64-91. <http://www.jstor.org/stable/423011>
- Genro Filho, A. (2012). *O segredo da pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Insular.
- Giacomini Botta, M. (2015). Novos gêneros do jornalismo on - line : análise de portais e sites brasileiros. *Nonada: Letras em Revista*, 2(25), 121-145. <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451511012.pdf>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Guilhaumou, J., Maldidier, D. & Robin, R. (2016). *Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Handcock, M. & Gile, K. (2011). *On the concept of snowball sampling*. New York: Cornell University Library.
- Harcup, T. & O'Neill, D. (2017) What is News? *Journalism Studies*, 18(12), 1470-1488. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1150193>
- Helmond, A. (2015). The Platformization of the Web: Making Web Data Platform Ready. *Social Media + Society*, 1(2), 1-11. <https://doi.org/10.1177/2056305115603080>
- Lima, C. (2015). *Jornalistas, blogueiros, migrantes da comunicação: em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e*

liberdade de expressão. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Maingueneau, D. (2011). *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez Editora.

Nonato, C., Pachi Filho, F. F. & Figaro, R. (2018). Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. *LÍBERO*, 21 (41), 100-115. <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/956/965>

Pêcheux, M. (2014). Ler o arquivo hoje. Em E. Orlandi (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso* (pp. 55-66). Campinas: Editora da Unicamp.

Peck, J. (2012). *Constructions of neoliberal reason*. Oxford: Oxford University Press.

Poell, T., Nieborg, D. & Van Dijck, J. (2020). Plataformização. *Fronteiras*, 22(1), 2-10. <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>

Silva, A. (2019). *A redação virtual e as rotinas produtivas dos arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*. (Dissertação de Mestrado). Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo.

Schwartz, Y. & Durrive, L. (2007). *Trabalho e Ergologia. Conversas sobre a atividade humana*. Rio de Janeiro: Eduff.

Tandoc Jr., E. & Thomas, R. (2017). Estar “Indo Bem” é Algo Bom? Como webanalytics e mídias sociais trazem à tona uma nova norma jornalística. *Parágrafo*, 5(2), 30-45. <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/676>.

Van Doorn, N. (2017). Platform Labor: On the gendered and racialized exploitation of low-income service work in the 'on-demand' economy. *Information, Communication & Society*, 20(6), 898-914. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2017.1294194>

Williams, R. (2005). *Culture and materialism*. London: Verso Books.

Wolf, M. (2012). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença.